



Conexões pelas Humanidades Digitais:

Atravessando o atlântico entre Rio de Janeiro e Moçambique



Lucas de Almeida Nascimento

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Brasil

almeidaluca03@gmail.com

Resumo

Este texto objetiva analisar de forma crítica a exposição virtual ou atlas de imagens do projeto “Constelações TransAtlânticas: Conexões culturais entre a comunidade Boca do Mato – RJ e a ilha de Moçambique – MZ” e todo seu impacto na história entre os dois territórios. O atlas visa mostrar resultados do projeto, ou seja conexões, dinâmicas, semelhanças e memórias que aproximaram as duas regiões que se relacionaram ao longo da história por compor parte relevante dos domínios do ultramar português. Para tal, busca reunir fotografias, documentações transcritas, jornais, vídeos e mapas. Assim, a iniciativa do projeto visa construir um imaginário de narrativas que não só se restringe a violência da escravidão, e sim de beleza, memória e história.

Palavras-chave:

Humanidades Digitais; Brasil; Moçambique; Colonialismo; Atlas de Imagens; Memória.

Resumen

Este texto se propone analizar críticamente la exposición virtual o atlas de imágenes del proyecto “Constelações TransAtlânticas: Conexiones culturales entre la comunidad Boca do Mato - RJ y la isla de Mozambique – MZ” y todo su impacto en la historia entre los dos territorios. El atlas pretende mostrar los resultados del proyecto, es decir, las conexiones, dinámicas, similitudes y memorias que unieron las dos regiones que han estado relacionadas a lo largo de la historia al componer una parte relevante de los dominios portugueses de ultramar. Para ello, pretende reunir fotografías, documentación transcrita, periódicos, vídeos y mapas. Así, la iniciativa del proyecto pretende construir un imaginario de narrativas que no se limite sólo a la violencia de la esclavitud, sino de la belleza, la memoria y la historia.

Palabras Clave:

Humanidades Digitales; Brasil Mozambique; Colonialismo; Atlas de Imágenes; Memoria.

Distância geográfica, aproximações históricas: reflexões sobre o projeto e a história dos territórios

O projeto *Constelações Transatlânticas* busca refletir sobre os distintos processos de marginalização enfrentados por dois territórios afastados por um extenso oceano, mas próximos em diversos aspectos: a comunidade Boca do Mato, zona norte do Rio de Janeiro e a cidade Macuti, em Moçambique, costa oriental africana. Para tal, foi elaborado um extenso e rico trabalho de campo que se enveredou por bibliotecas, arquivos, mas também de centros culturais e agentes que reservaram, e reservam, durante muitos anos parte de memória das localidades.

O projeto visa ampliar a história das relações entre Moçambique e Brasil. Se para grande parte da historiografia colonial, a cronologia das regiões resumiu-se ao tráfico de escravos, ouro e marfim que por muito tempo, sustentaram os interesses mercantis da coroa portuguesa,¹ que viram ser aproximadas pela política de povoamento pombalina da segunda metade do século XVIII, a iniciativa *Constelações Transatlânticas* procura ir além desta ótica. Nesse propósito, não busca apagar a violência da escravidão colonial, mas sim de elevar a história de duas localidades desses continentes a um escalão que permite o leitor entender que, para além de uma história marcada pelo violento colonialismo, existe uma memória que faz desses territórios um componente importante na construção de um imaginário social entre seus moradores. Assim, as imagens do Atlas não buscam somente ilustrar o projeto, e sim de um eficaz método de incluir narrativas no interior de cada agrupamento.² Portanto, o atlas pretende construir um pensamento por imagens, ou seja, as fotografias aqui têm objetivos de arquitetar um caminho que leve o leitor a compreender um contexto social, no caso das *Constelações*, marcado pelas experiências de marginalização racial.

O atlas objetiva alcançar lacunas esquecidas pelo passado da colonização. Ao expor histórias, aborda-se memórias e culturas que foram congeladas pela colonização, esquecidas pelas produções clássicas da historiografia e que pretende ser reincorporada com esse projeto. Portanto, não só encontrar as semelhanças entre as regiões, o atlas opera com a lógica das diferenças e particularidades que se infiltram em raízes de cada um dos territórios.³

A memória é algo fundamental na construção do sentido deste projeto, os espaços e a produção dos seus nomes são valorizados por reforçar a narrativa da história. Aproximar uma comunidade da zona norte carioca e uma cidade na porção oriental africana não é tarefa fácil, e se não for pela metodologia que o Atlas se compromete a fazer, seria impossível efetuar isso. As Constelações Atlânticas navegam na origem dos nomes dos lugares, busca entender como que o espaço se assemelha a história local, que relembram a riqueza cultural de quem construiu aquele território e que resistiu a violência da escravidão e do colonialismo ibérico.⁴

¹ Depois da intensificação do tráfico de escravos na costa oriental africana com a política de povoamento pombalina, estimam-se que mais de 10 mil escravos atravessaram a África em direção ao Brasil entre 1780-1800. Entre 1825-30, esse número aumentaria para 15 mil almas, perdendo assim somente para o comércio de cativos para o índio. Ver: CAPELA, José & MEDEIROS, Eduardo. O Tráfico de escravos de Moçambique. Sobre o ouro, a mineração era feita em terras cedidas aos portugueses, geralmente feita por mão de obra escrava de mulheres.

² Para a construção desse efeito, os coordenadores do projeto escoram-se nas ideias do historiador alemão Aby Walburg (1826-1889). Além do exposto, a tese de Walburg defende que os Atlas de Imagens não sejam construídos somente com fontes imagéticas, e sim com partes de vídeos, recursos mais numerosos de linguagens não escritas. Para melhor tratar-se, ver: SANTOS, Camila. Aby Walburg, a função rememorativa das imagens e o tempo: relatos e análises de Didi-Huberman acerca da sobrevivência das imagens. Ano XV, N.7 Julho/2019. NAMID-UFPB - <http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/index>

³ O Atlas, disponível em: <https://constelacoestransatlanticas.com/> conta com reproduções de áudios de famílias de Maputi, Moçambique, com canções que fogem dos clássicos, contam histórias locais e produzem sentidos paralelos aos somente ressaltados por uma produção eurocêntrica. É possível perceber a espontaneidade e reações, além de instrumentos de percussão que narram a identidade local da região.

⁴ Destacamos que os povos que compõe a população da comunidade Boca do Mato e Macuti são remanescentes de quilombos (Serra dos Pretos Forros) ou Mussitos (Ilha de Moçambique), escravos resistentes fugidos ou alforriados e seus descendentes. A origem dos nomes faz referência a paisagem no caso da comunidade Boca do Mato e no caso de Macuti, tem em alguns bairros, menção a pedra utilizada na composição das moradias. Há também uma semelhança na composição da arquitetura das casas nos dois territórios, influenciados também pelo deslocamento forçado pelo tráfico de escravos.

O projeto faz um extenso levantamento de documentação imagética e cartográfica que necessitam ser ressaltados. Entre o Arquivo Nacional e o Arquivo Histórico Ultramarino, é possível analisar plantas de Moçambique no século XIX bem como conhecer a distribuição geográfica fluminense do século XX, dando boa referência sobre a questão hídrica na região, além da composição de relevos na cidade, distribuídos em 6 mapas cartográficos de relativa riqueza e relevância.

Mencionamos, no início do texto, que o Atlas busca ir além de um estudo do passado grifado pela escravidão das regiões, mas que em nenhum momento este deve ser esquecido. Com uma série de imagens (10 retratos, ver a imagem 1), o projeto traz luz a agentes comuns do cotidiano dessas comunidades, convidando o leitor a entender a história por meio de pessoas semelhante a nós, mas que tem suas origens encarnada nesses territórios, tecendo seu passado por meio de narrativas que configuram novos olhares sobre a história. Nesse sentido, o projeto acerta em inserir no Atlas trechos de depoimentos de moradores.⁵

Imagem 1 10 retratos



Fonte: Constelações TransAtlânticas: Conexiones culturales entre la comunidad Boca do Mato - RJ y la isla de Mozambique – MZ.

E por mencionar a história narrada pelos comuns, o projeto não poderia fugir da questão religiosa. O Atlas também compõe imagens de festividades que ressaltam o respeito a ancestralidade nessas comunidades, com imagens do Candomblé no Rio de Janeiro, espaço de acolhimento a esses descendentes que por meio da fé constrói uma rede de apoio, parceria, afeto e resistência. No caso de Macuti, por mais que as imagens sejam de catedrais e mesquitas, sejam lembradas

⁵ Referimo-nos ao depoimento de Rona Neves, morador da comunidade da Boca do Mato. Entre os pontos do depoimento, destaca-se o esforço do entrevistado em querer valorizar a história de sua comunidade, no qual ele mesmo define como “perdido ou esquecido”. Rona Neves dispõe um amplo conhecimento sobre o passado da região, no qual confirma que a região era de alforriados fugidos da exploração de seus senhores.



pelo Atlas, sobra espaço para um importante depoimento (em vídeo),⁶ mostrando um pouco das distinções das manifestações religiosas e culturais da região de Macuti, Moçambique.⁷

Esse texto busca apenas ressaltar como a construção de um atlas de imagens, por meio das humanidades digitais, pode contar narrativas históricas importantes. O digital e a pesquisa compõem uma dupla que deve ser ressaltada, o Atlas de Imagens do projeto *Constelações Transatlânticas* da voz a regiões que tem, nas lacunas historiográficas, o injusto esquecimento. As narrativas, imagens, depoimentos, vídeos são fontes históricas assim como as documentações escritas de cunho paleográfico e merecem também ser exploradas, pois mexem na memória. O atlas de imagens nos convida a revisitar a história, a olhar para esquinas esquecidas, recordar atores não lembrados e valorizar narrativas e a memória de uma parcela que deve ser ouvida, oceano nenhum pode separar isso.

REFERÊNCIAS

- SANTOS, Camila. “Aby Walburg, a função rememorativa das imagens e o tempo: relatos e análises de Didi-Huberman acerca da sobrevivência das imagens”, *NAMID-UFPB* XV, n. 7 (2019), <http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/index>
- CAPELA, José; Eduardo MEDEIROS *O Tráfico de Escravos de Moçambique para as ilhas do Índico, 1720-1902*. Maputo: Núcleo Editorial da Universidade Eduardo Mondlane, 1987. 128 p.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas - Como levar o mundo nas costas?* - Texto de apresentação de Georges Didi-Huberman da exposição homônima em cartaz no Museu Reina Sofia, em Madrid, até 28 de março de 2011. Disponível em: <https://www.artecapital.net/perspetiva-119-atlas-como-levar-o-mundo-às-costas--apresentacao-por-georges-didi-huberman>
- MATTOS, Regiane Augusto de; COSTA ARAÚJO, Luis, DOWSLEY, Guido; AIÚBA, Ali Aiúba. “CADERNO DE CAMPO. Constelações Transatlânticas: Conexões culturais entre a comunidade Boca do Mato-RJ e Ilha de Moçambique-MZ”, 2020.
- MATTOS, Regiane Augusto de; COSTA ARAÚJO, Luis; AIÚBA, Ali Aiúba. “Conexões entre a Boca do Mato e a Cidade Macuti: territorialização, discurso higienista e marginalização”, *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, ano 32 (2022), pp. 11–54, <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/4044/3420>
- MBEMBE, Achille. *Quando el poder brutaliza el cuerpo, la resistencia asume una forma visceral*. Entrevista concedida a El diario, 17 de junio de 2016. Disponível em: https://www.eldiario.es/interferencias/Achille-Mbembe-brutaliza-resistencia-visceral_6_527807255.html

⁶ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=UB2rNiQ_xLUr

⁷ Os depoimentos de Sr. Nacuti Adamo e Sra. Boiada compõem parte de produções feitas pelo Arquivo Digital Suaíli. Esse projeto é fruto de uma parceria entre Universidades do Brasil e de Moçambique que tem como objetivo disponibilizar conteúdos digitais sobre a história e a cultura Suaíli, no norte da região.

